

## **A CONCEPÇÃO DO TEMPO E O SENTIDO DA VIDA NA CONTEMPORANEIDADE**

### **THE CONCEPTION OF TIME AND THE MEANING OF LIFE IN CONTEMPORARY TIMES**

### **LA CONCEPCIÓN DEL TIEMPO Y EL SENTIDO DE LA VIDA EN LA CONTEMPORANEIDAD**

Poliana Ferrari<sup>1</sup>

Anita Oliveira Mussi<sup>2</sup>

**Resumo:** A aceleração da rotina, no que se refere às tecnologias, à demanda de trabalho e à organização social, nos fazem afirmar que o tempo se aligeira. Por esse motivo, não encontramos maneiras de desenvolver nossas atividades em plenitude ou, por vezes, não reservamos tempo suficiente para nos revitalizarmos e restabelecemos a fortaleza da alma. Desta maneira, descortina-se a urgência de entendermos a concepção do tempo e o sentido da vida na contemporaneidade, assimilando os processos que nos precederam desde a Antiguidade até o desenvolvimento do perfil atual, por meio do método dedutivo, vertente qualitativa e do panorama da Psicologia Analítica. Assim, busca-se analisar a visão de homem e de mundo no desenvolvimento desse tempo cronológico, compilando os períodos da Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea, refletindo, desse modo, sobre o tempo na era digital, de acordo com a perspectiva junguiana, e buscando esse olhar para compreender alguns sofrimentos do ser humano atual.

**Palavras-chaves:** contemporaneidade; sentido da vida; tempo; psicologia analítica.

**Abstract:** The acceleration of routine regarding technologies, work demand and social organization, make us say that time is quicker and, for this reason, we do not find ways to fully develop our activities or, sometimes, we do not reserve enough time to revitalize us and re-establish the strength of the soul. In this way, the urgency of understanding the conception of time and the meaning of life in Contemporary Times is revealed, assimilating the processes that preceded us from antiquity to the development of the current profile, through the deductive method, qualitative aspect, and the panorama of Analytical Psychology. Thus, we seek to analyze the vision of human beings and the world in the development of this chronological time, compiling the periods of Ancient, Middle, Modern and Contemporary ages, reflecting this way about the time in the digital age according to the Jungian perspective, and investigating to understand some sufferings of the current human being.

**Keywords:** contemporaneity; sense of life; time; analytical psychology.

---

<sup>1</sup> Contato principal para correspondência editorial. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1649-0813> E-mail: polianaferrari1993@gmail.com

<sup>2</sup> Sem ORCID informado. E-mail: anitamussi.psi@gmail.com

**Resumen:** La aceleración de la rutina, en lo que se refiere a las tecnologías, la demanda laboral y la organización social, nos lleva a afirmar que el tiempo se acelera. Por este motivo, no encontramos maneras de desarrollar nuestras actividades en plenitud o, en ocasiones, no reservamos tiempo suficiente para revitalizarnos y restablecer la fortaleza del alma. De esta manera, se revela la urgencia de entender la concepción del tiempo y el sentido de la vida en la contemporaneidad, asimilando los procesos que nos precedieron desde la Antigüedad hasta el desarrollo del perfil actual, mediante el método deductivo, la vertiente cualitativa y el enfoque de la Psicología Analítica. Así, se busca analizar la visión del hombre y del mundo en el desarrollo de este tiempo cronológico, recopilando los períodos de la Edad Antigua, Media, Moderna y Contemporánea, reflexionando, de este modo, sobre el tiempo en la era digital, de acuerdo con la perspectiva junguiana, y buscando esta mirada para comprender algunos sufrimientos del ser humano actual.

**Palabras clave:** contemporaneidad; sentido de la vida; tiempo; psicología analítica.

## INTRODUÇÃO

A reestruturação da vida no contexto de mundo definido por Beiguelman (2020) como “coronavida”, impactou a mudança de comportamento, rotina, hábitos das mais variadas vertentes, distanciamento, isolamento, o avanço tecnológico e a apropriação do tecnológico passaram a fazer parte das nossas tarefas corriqueiras.

De acordo com a autora junguiana Verena Kast (2016), por detrás da aceleração sempre existe uma sombra. O ativismo estimula o esquecimento no desenvolvimento da personalidade, pois é um fenômeno que enrijece de forma imperceptível nossas estruturas profundas, ofuscando, em meio às cores da atualidade, o retorno do mesmo, promovendo a estagnação existencial.

Cabe a nós a oportunidade de questionar sobre o que vem primeiro: a doença ou a taquicardia do tempo na atualidade? Por acaso fomos educados a nos perceber e a reconhecer nossas necessidades? Porventura o home office neste período de pandemia nos ajudou a reequilibrar nossa vida ou a acelerar? O avanço tecnológico nos aproximou ou nos separou de nós próprios, dos outros, de Deus? Como vai a nossa agenda? O que é o tempo para nós? Será que temos tempo, controlamos o tempo, ou o tempo nos controla? Qual o sentido dessa aceleração?

Precisamos, assim, nos atentar para a intensidade da vida que está a ser construída hoje, no *Aion* cotidiano, saboreando a jornada sem a pressão do tempo *Cronos* ou a

antecipação do *Kairós*. Transpõe-se assim, na atualidade, segundo Lemos (2021), ciclos algoritmos, consumismo ou o automatismo da atualidade, intervindo por meio da consciência no modo de existir, agir, mobilizar redes e contribuir no processo de transformação social. Dessa forma, dá-se tempo às necessidades da alma.

Assim, buscamos entender a concepção do tempo ao longo da história ocidental e a sua relação com o sentido da vida na contemporaneidade por meio de conexões entre o passado e o presente, ampliando as percepções e possibilidades para uma qualidade de vida sustentável, onde o autoconhecimento nos levará a perceber quanto podemos exigir de nós mesmos e o momento oportuno de administrar o nosso dia a dia de maneira mais equilibrada. Acreditamos que a relação com o tempo implica na percepção do sentido da vida individual e coletiva na contemporaneidade.

## **Sobre o tempo**

O tempo é um tema relevante dentro da história, marcado em cada época por um significado singular e único. Entender a dinâmica desse tempo nos traz a possibilidade de compreender os resquícios do inconsciente coletivo que nos constitui na atualidade.

Na Antiguidade, podemos fazer memória do tempo para os gregos. Eles classificaram o tempo em quatro conceitos: *Aion*, *Cronos*, *Kairós* e *Acme*. Por serem deuses, representavam o mistério divino, uma relação com as divindades. Assim, cada um desses deuses possuía sua representatividade no entendimento de um tempo específico, descrevendo a lógica de construção desse tempo.

*Aion* se refere ao tempo do sentido, ilimitado, que não cessa de renascer. Na mitologia helenística, ele era o deus das eras, associado ao mistério e à vida após a morte. Símbolo do início e do fim, do eterno e infinito, da essência divina, denotando o tempo cíclico e imensurável. A sociedade, dentro dessa concepção, torna-se filha do tempo (Monegalha, 2018).

O segundo, *Cronos*, na mitologia, era o filho mais novo de Urano (Céu) e Gaia (Terra). *Cronos* enfrentou o pai e, após sua derrota, passou a governar o Olimpo. No processo de

maturação, *Cronos* não aceitava seus descendentes homens, engolindo todos os seus filhos, por medo de que os descendentes desafiassem seu poder sobre o mundo (Silva, 2011).

De acordo com Silva (2011), Réia conseguiu salvar um de seus filhos desse trágico destino. Assim, Zeus cresceu e combateu o pai, fazendo vomitar todos os filhos engolidos e passou a governar o Olimpo, tornando-se chefe de todos os deuses gregos e do destino dos homens. O mito faz memória desse tempo cronológico, do cronômetro (horas, minutos, segundos), dos compromissos, das atividades a serem desenvolvidas e dos prazos. Remete à ordem do tempo, ao cálculo, à medida, aos deveres a serem cumpridos.

*Kairós* compõe o momento certo, oportuno, o tempo divino. Por isso, ele não segue as leis do cronômetro, tornando-se único e atemporal. Na mitologia, *Kairós* era filho de Zeus, chamado de o deus da oportunidade (Horizonte, 2011). Simboliza o reconhecimento das oportunidades, a vivência daqui e do agora, a apreciação do sabor de cada gesto e instante cotidiano. Um tempo de qualidade, valioso e não escasso, mas que pode escapar de nossas mãos ao ser perdido ou inalcançado quando passado. Remete à contemplação e ação, por isso, torna-se sagrado e único.

Por fim, o tempo da maturidade configura-se com a deusa *Acme*, filha de Zeus e Themis, uma das horas “que eram deusas do ano, das estações climáticas e da ordem natural da vida” (Midena, 2020). *Acme* constituía o momento máximo da vida, o apogeu.

A partir dessa concepção, alguns filósofos buscaram aprofundar o conceito do tempo na Antiguidade e na Idade Média. Para isso, destacamos alguns deles: Platão, Aristóteles, Agostinho de Hipona e Santo Tomás de Aquino.

Platão (428 a.C. - 348 a.C) expõe, na obra *Timeu*, a separação da figura da criação e do mundo dos homens. Na primeira, o Demiurgo (deus), como artesão, modela o mundo, ordenando a matéria com base em uma espécie de modelo pré-determinado, uma realidade perfeita, imaterial, imutável e eterna, chamada de Mundo das Ideias (Paulo, 2014). Assim, o deus platônico estava fora do tempo, eterno, não restringindo-se ao passado, presente e futuro, permanecendo imutável.

Por outro lado, existia o mundo habitado pelos humanos, imperfeito, desordenado, movido pelo substrato material de constantes mudanças. O mundo perfeito era apreendido pela razão e o segundo, o universo imperfeito, era gerido pelas sensações (Paulo, 2014). Por

isso, o tempo está atrelado à mudança (*Cronos*) e a eternidade à imutabilidade (atemporal - *Aion*).

Aristóteles (384 a.C - 322 a.C), por sua vez, interpõe que o tempo se situa diretamente com o movimento e a alma. A alma, juntamente com o intelecto, natureza dos seres humanos, permite aguçar a percepção deste, classificou os seres como animados e inanimados. Seriam animados (dotados de alma) os seres com vida, capazes de gerar sensações, movimentos e inanimados (privados de alma) aqueles que não desenvolvem esse princípio. Porém, somente o homem poderia, através da sua faculdade intelectual, compreender o tempo e o movimento, conduzindo-o à consciência do tempo (Silva, 2009).

O entendimento do tempo para Santo Agostinho (354 – 430) passava pela interioridade. O homem era visto como uma pessoa dotada de razão e individualidade. O tempo jamais poderia medir a eternidade. Eterno era apenas aquilo que não estava sujeito a mudanças, sendo a característica apenas de Deus. A alma tornava-se a sede das capacidades humanas de compreensão, percepção, raciocínio, sentimento, de todas as potencialidades do espírito (Oliveira, 2012).

Deste modo, Agostinho pregava que é no presente que fazemos memória do passado ou cogitamos acontecimentos futuros, por meio das sensações, pensamentos, percepções e consciência. Nesse momento podemos medir o tempo e interpretá-lo, sendo imprescindível a memória da alma.

Santo Tomás de Aquino (1225-1274) deliberou três termos para definir o tempo: *nunc* (agora), *tuc* (então) e *instans signatum* (instante determinado). Seu parâmetro de medição se materializa no “instante”, que traduzia como princípio do futuro e fim do passado, dispondo de três categorias da duração das substâncias materiais/espirituais: o tempo (já mencionado anteriormente), o evo (termo médio entre o tempo e a eternidade) e a eternidade (tudo o que se afasta do modo permanente distancia-se da eternidade) (Queiroz, 2022).

O Renascimento, por sua vez, foi marcado pela transição da Idade Média para a Idade Moderna, resgatando a cultura do período clássico greco-romano entre os séculos XIV e XVI, advindo o desenvolvimento cultural, científico, artístico, político, racional e filosófico na busca de respostas de entendimento desse “novo” mundo. Nesse cenário renascem o antropocentrismo e o humanismo, rompendo de forma gradativa com a visão medieval,

marcando uma nova maneira da sociedade europeia ver o papel do homem no mundo (Spinace, 2022).

Outro fator a ser destacado se deve ao renascimento promover o movimento de reabertura do mediterrâneo para o comércio Ocidental, destacando Estados Modernos Europeus como Espanha, Portugal, Inglaterra, França e Holanda na expansão marítima europeia e, posteriormente, a exploração do continente americano, ascensão da burguesia, sistema colonial e mercantilismo como modelo econômico segundo a ideia de construção de uma liberdade econômica sem a intervenção do Estado (Fernandes, 2023).

O poder das monarquias e os valores da igreja passaram a ser questionados. O Iluminismo surgiu como reação ao Absolutismo Europeu, abrindo caminhos para a expansão e produção de mercado (Revolução Industrial), mudanças políticas culminando na Revolução Francesa. E por fim, o advento do capitalismo (Aguena, 2020).

Assim, nasce uma nova concepção do ser humano, estabelecendo o uso da razão para a consolidação do conhecimento, além da experiência pelos sentidos, técnicas científicas, empirismo, liberdade de pensamento, negação religiosa e implementação de escolas laicas (Rodrigues, 2022). Desta maneira, o cenário se contrapõe às características medievais.

Por outro prisma, vemos o surgimento de outros conflitos pelas novas configurações trabalhistas, capitalismo, privatização de terras de uso comunal, saída dos camponeses para os grandes centros com a transferência da venda da força de trabalho para as fábricas. O novo regime capitalista edifica e inaugura a sociedade por meio da lógica de mercado, trazendo uma outra segregação, marcada pela venda de uma mercadoria específica, a força de trabalho a favor do progresso, deixando à margem quem não conseguia aderir a esse sistema.

Nesse modelo de sociedade o tempo vai de encontro ao cronômetro, visando principalmente o lucro, mão de obra barata e acesso à matéria-prima. A conjuntura configura uma cisão da máquina e do homem, tendo como fruto a produtividade, onde o capitalista consome a força do contratado. O tempo passa a ser medido por meio da jornada de trabalho, com o controle dos materiais necessários para o uso, produzindo cada vez mais em pouco espaço de tempo.

No século XX, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial potencializaram o fortalecimento do avanço tecnológico com os armamentos de última geração, ampliando essa

nova visão de mundo. Porém, é interessante questionarmos como um tempo tão “evoluído” e permeado pelo progresso levou os homens à tamanha atrocidade. Qual o interesse que rege esse mercado e a finalidade dos eventuais frutos desses conflitos? Isso nos remete ao mito de *Cronos*, onde o mesmo meio que gera, concomitantemente, devora seus filhos, em nome do lucro, da ambição e de “vitórias” para alguns.

Na segunda metade do século XX, a Modernidade foi marcada por três características fundantes: a globalização, a instabilidade econômica e o avanço tecnológico. De forma geral, todos os fatores se modificam constantemente, fluindo conforme a necessidade do momento. O conceito do tempo, com a ascensão tecnológica, se sobrepõe ao espaço, não existindo mais limites ou regras temporais. Assim, a Modernidade foi um marco histórico sob lentes que romperam com qualquer modelo antes já vivido.

Dentro desse contexto histórico data que o início da Contemporaneidade ou da Pós-modernidade se caracteriza pela mudança científico-tecnológica, uso veloz tecnológico e a expansão da comunicação social. Segundo Rosa (2019), o período da terceira revolução industrial nasceu em meados do século XX. Instituíram-se nesse período as lutas de classes e o questionamento da organização das instituições, pelo aumento das desigualdades e a devastação do meio ambiente.

As fases das revoluções industriais abrangem os diversos ensejos desde o início do processo industrial no século XVIII na Inglaterra. Segundo Pereira (2023), a Primeira Revolução Industrial sucedeu entre os anos de 1750 e 1850, com a introdução das máquinas, expansão das indústrias têxtil, siderúrgica, metalúrgica, transporte, sendo abastecido principalmente pelo uso de carvão (máquina a vapor). Os processos manufaturados passaram a ser mecanizados, aumentando assim a produção, o desenvolvimento do comércio internacional e o mercado do consumidor.

A Segunda Revolução Industrial data de meados do século XIX entre os anos de 1850 e 1950. É criada nesse período a lâmpada incandescente, telégrafo, televisão, telefone, rádio e cinema (meios de comunicação). Na área da saúde, os antibióticos e as vacinas. Além do avanço dos meios de transportes com a utilização do aço e como combustível o petróleo e o uso de seus derivados, trazendo uma nova perspectiva na vida econômica e social chamada de Capitalismo Industrial (Pereira, 2023).

A Terceira Revolução foi potencializada pela Segunda Guerra Mundial, aprimorando artificios antigos e novos meios de criação, principalmente a robótica, genética, informática, telecomunicações e eletrônica, produzindo mais em menos tempo, por meio de tecnologias de ponta, exigindo maior mão de obra qualificada. Essa interconexão gerou a expansão das multinacionais e o avanço da globalização (Sousa, 2022). A internet e as tecnologias deram esse passe de entrada à sociedade, contribuindo para a conexão em toda parte do planeta com o clique, amplificando cada vez mais a velocidade e a extensão do processo (Rosa, 2019).

Com a Quarta Revolução Industrial (meados de 2010), a partir da indústria 4.0, foram elaborados sistemas cada vez mais complexos e com maior velocidade e muito mais alcance. A invenção da nanotecnologia, robótica e inteligência artificial permitiu o avanço da ciência, resultando no assim chamado “avanço tecnológico” (Sebrae, 2023).

Jota e Camargo (2022) tecem um diálogo que permeia a relação que estabelecemos com esse tempo na atualidade. Será que a dimensão de duração do tempo mudou ou nós que modificamos a vivência deste tempo na Contemporaneidade? Segundo a pesquisa de Jota e Camargo (2022), os fenômenos naturais permanecem como sempre foram. Nada foi alterado, nem a rotação da Terra ou seus elementos originários.

### **Sobre o sentido da vida**

Será que a culpa está no tempo? Ou ele é mais um motivo que encontramos para delegarmos nossa responsabilidade e consciência a um fator que foge ao nosso controle? Qual a concepção do tempo para nós? Qual a relação que temos com ele? Por que procuramos encontrar culpados? Qual a dificuldade de olharmos para os fatos de maneira consciente? Será que foi a televisão, as redes sociais, o celular, o computador, dentre tantos outros, que nos afastaram de nós mesmos, ou esses meios apenas potencializaram os fenômenos que já existiam dentro de nós, pelas vastas possibilidades de vida e de cores externas a nós?

Seja qual for a realidade, ainda assim, sempre tivemos possibilidades de escolha, por mais escassas que elas fossem. Seja na intenção de apertar um botão, instalar um aplicativo ou não fazer coisa alguma. Apenas nos esquecemos de olhar um pequeno detalhe que faz toda a diferença em nossa vida, o fato de não sermos máquinas, nem funcionarmos como organizações artificiais. Por isso, necessitamos viver de forma *off-line*, comer, dormir,

descansar e termos momentos de lazer, nos permitir uma reconexão com a alma, conosco mesmos.

A versatilidade dos meios provoca a ilusão que nunca precisamos parar. Um tempo sem limites, sem minutos, horas, dias ou noites gera em nós a sensação de que tudo podemos. Temos medo de ficar para trás ou não acompanhar o processo. Isso é uma ilusão de nossa parte, porque quando não interrompemos os passos na ligeireza de nosso ritmo possível, o corpo faz essa escolha por ele mesmo, não dando a possibilidade de opção, nem levando em conta a hora marcada para qualquer evento.

Jota e Camargo (2022) afirmam que diante dessas situações podemos optar por dois caminhos: o de aprendiz ou o de vítima. O primeiro exige uma postura de autoconhecimento para sermos capazes de perceber o quanto podemos exigir de nós mesmos e o momento oportuno de administrar o nosso dia a dia de outra forma, chamada de produção sustentável. A segunda, de pesar, interpretada como uma punição, com projeções de culpabilidade para com os outros e para consigo mesmo que, habitualmente, não leva a uma mudança de vida.

A partir desse cenário, Jota e Camargo (2022) citam as três doenças de grande relevância do século: a depressão, o estresse e a ansiedade. Segundo os autores, esses eventos podem ser desencadeados pelos excessos do passado, do presente ou do futuro. Nada é bom ou ruim intrinsecamente, apenas se torna um problema quando os excessos se tornam rotina, consumindo a vida ao ponto de nos tirar a vitalidade, a paz e a harmonia. Assim, poderíamos pensar: qual o conceito de tempo que podemos utilizar na atualidade? É possível construir um tempo de sentido? Será essa uma realidade utópica ou uma possibilidade de escolha? Por onde iniciar esse processo de transformação?

Sobre a ênfase da felicidade na cultura contemporânea, Hartmut Rosa (2013 como citado em Kast, 2016, p. 103), afirma que o homem pós-moderno “não tem uma meta diante dos olhos, mas um monstro dentro de si”. Nessa perspectiva, queremos arrancá-lo de nós, como uma parte não constitutiva, oposta ao caminho de felicidade, alinhavando meios para fugirmos, como se pudéssemos deixá-lo para trás, ou assentindo que ele nos oprima. Não conseguimos estabelecer um diálogo para que, de mãos dadas, caminhemos em harmonia, e recorremos à busca constante da felicidade hedonista, pautada no aqui e no agora.

A palavra hedonista vem do grego *Hedonê*, nome de uma deusa da mitologia que representava o prazer, ou seja, uma vida prazerosa. Por mais que esse seja um conceito antigo, criado por

Aristipo de Cirene (433-350 a.C), ele está muito presente na lógica de mercado contemporâneo, além do produto adquirido, existe o valor da experiência e de sentido existencial junto ao serviço, um acessório externo que alimenta a falta interna.

Sob outra perspectiva, temos a chamada Felicidade Eudaimônica, um conceito criado por Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C), que significa o bom espírito ou a felicidade, voltada para a sabedoria prática. Está conectada à busca de sentido, ao cultivo das virtudes, nascendo do interior do homem em prol de um objetivo, exigindo por vezes resiliência e, como consequência, o crescimento pessoal, construindo de maneira gradativa o propósito de vida. Por isso, é chamada de felicidade de longo prazo, visto que, em um primeiro momento, pode não ser agradável de se praticar, mas, depois de realizada, traz grande satisfação para o indivíduo.

Outra perspectiva que caminha de mãos dadas com a felicidade é o medo. Pondé (2018) relata que o medo é um sentimento que existiu desde o início da humanidade, como uma proteção para a nossa perpetuidade e evolução. Foi essa aptidão que fez a nossa espécie se perpetuar por tanto tempo, pois, se olharmos apenas características físicas, somos demasiadamente frágeis. Ao mesmo tempo que essa habilidade estabelece um avanço a nossa espécie, também nos corrói concomitantemente.

Trazendo o medo no processo de vida das pessoas, na primeira etapa da vida lutamos para alcançarmos a expansão externa de nossos sonhos, anseios e desejos. Vamos desenvolvendo de forma progressiva a ampliação dos aspectos físico, cognitivo e psicossocial, “as capacidades físicas e sensoriais estão normalmente no auge no início da vida adulta” (Papalia & Feldman, 2013, p. 480).

Ao chegar à meia-idade, as pessoas tendem a “fazer um balanço e tomar decisões sobre os anos de vida restantes” (Papalia & Feldman, 2013, p. 538). Jung (1991, como citado em Braghini, 2015) observa indícios indiretos de mudanças que ocorrem no inconsciente, como as transformações do caráter, os traços despercebidos da infância que afluem novamente, as antigas inclinações e interesses habituais que começam a diminuir, sendo substituídos por novos, além do enrijecimento da ordem moral.

Assim, é uma estação de sentido mais profundo, retornando a um universo que não fomos ensinados a acessar de forma geral, causando estranhamento, medo, recusa desse crescimento oculto, “agonia do amadurecimento”, que consiste na dor de deixar nosso mundo infantil para

crescermos, não apenas de forma física, mas na consciência de quem somos, onde estamos e para que vivemos.

De acordo com esses autores, esses elementos nutrem a seiva da alma, trazendo sentido, ou seja, indo além das execuções de tarefas ou bem-estar financeiro, como um processo natural de evolução e amadurecimento, exigindo empenho e paciência diante de ciclos de insatisfação, tédio, revoltas, dores, desconfortos e utopias. Tudo isso somado à angústia de, por vezes, irmos na contramão da sociedade que exige o mérito, resultado, eficácia, produtividade e competência.

O medo age, assim, como um organizador da consciência, uma forma de autopreservação. Essa percepção não deixará os acontecimentos mais facilitados, mas nos levará a uma condição mais aprofundada de nosso ser. Por isso, não podemos nos livrar desse sentimento, ele nos constitui então, aprendemos a caminhar com ele, acolhendo-o. À medida que vamos percebendo onde estamos, proporcionalmente teremos medo. Dessa maneira, medo e coragem estão conectados (Pondé, 2018). Essa consciência nos desinstala do automatismo da engrenagem social pós-moderna, para nos sentirmos completamente humanos, ou seja, nada previsíveis ou controláveis. Temos medo porque sabemos de nossa finitude e isso nos assusta.

Na Psicologia Analítica, o medo é entendido como parte integrante do indivíduo. Assim, o enfrentamento a ele não significa fazer com que seja anulado, arrancado ou levado para longe de nós, mas o contrário, identificá-lo denota a teia de aprendizado do acolhimento e aceitação, visando manejo deste como é.

Muitas vezes buscamos maneiras inconscientes de nos proteger, recorrendo a alguns mecanismos de defesa que nos auxiliam nesse processo de sobrevivência, trazendo, em um primeiro momento, alívio para o nosso sofrimento e expõem o quanto vivemos ameaçados. Assim, além da identificação diagnóstica, busca-se algo mais profundo, investigando qual o sentido dessa emoção, em vista de poder aproveitá-la e entendê-la, pois simplesmente o evitamento pode aumentar ainda mais o agravo emocional (Kast, 2023).

A “falta de tempo”, o aceleração da rotina cotidiana, o não respeito para com cada período do desenvolvimento da vida geram danos não só no desenvolvimento inicial, mas ao longo da vida adulta. Na perspectiva da autora junguiana Verena Kast (2023), os distúrbios de ansiedade: transtorno obsessivo-compulsivo, distúrbios de pânico, cardiofobia, medos traumáticos e o transtorno de estresse pós-traumático, é a expressão desse medo, juntamente

com a relação do tempo, distúrbios como sintomas, principalmente, no que se refere ao não respeito ao processo de desenvolvimento de cada ser humano.

A pressão, a pressa ou o não subsídio necessário deixam lacunas que a vida nos exige futuramente, mas que quando somos capazes de ressignificar, podemos abrir horizontes e levar a vida com mais leveza e sentido, expandindo a consciência, remodelando as crenças e a visão de mundo. A esse processo Jung chamou de *Metanoia*, ou seja, uma mudança de pensamento, de percurso no processo de individuação, mesmo que nem sempre possamos modificar a realidade que nos circunda (Moraes, 2011).

Desta maneira precisamos nos atentar para ritmo consciente ou inconsciente que optamos por viver e estabelecermos de maneira gradativa a permissão de uma vida mais sustentável. Não que conseguiremos mudar o sistema capitalista ou contemporâneo, mas podemos decidir como acessá-lo, seja por meio do questionamento, pela mudança de alguns comportamentos, pela contemplação de nossos erros ou mesmo pela parada forçada de nosso corpo que não consegue acompanhar o ritmo acelerado do tempo contemporâneo, como já visto anteriormente. Assim, podemos ressignificar o sentido de nosso existir iniciando esse processo de transformação.

### **Considerações finais**

Compreender a concepção do tempo ao longo da história, de uma forma breve, nos fez perceber como a relação com o tempo altera a percepção do sentido da vida individual e coletiva, não apenas na contemporaneidade, mas no decorrer de cada período histórico existencial.

Na Idade Antiga, pelo assentimento mitológico, deuses e seus governos determinavam o destino dos homens. Posteriormente, o aumento dessa autonomia com o nascimento dos semideuses desfilou a dicotomia do poder e a conjuntura dos sentimentos humanos, mesclando o divino e a fragilidade da criatura. Foi um período em que a busca pelo sentido se conformava entre o homem e o sagrado e os frutos dessa relação premeditaram o bem-estar ou a fúria dos destinos dos seres na terra.

Com o surgimento da filosofia, na Grécia, por volta do século VI a. C. sobrepõe o homem em outro cenário, mesmo que sejam para uma minoria considerada cidadãos da época. Adveio,

assim, o pensamento racional, a reflexão, a dialética e o pragmatismo, na ordem prática, no encaixe de explicações dos fenômenos.

O tempo, na concepção dos filósofos trazidos neste trabalho, era, de modo geral, em um primeiro nível, o eterno de natureza imutável, habitação de deuses e o tempo da história, e, em um segundo nível, marco do imperfeito que constantemente se modificava e se movimentava. Era constituído pelo instante, razão, individualidade, memórias e medidas de contagem - passado, presente e futuro - e tinha o sentido voltado pela ânsia de entendimento do ser humano, da natureza e do mundo.

Com o advento da Modernidade entreveem a interpretação do tempo em novo cenário econômico, com a criação das máquinas, indústria, produção em série. O trabalho passa a ter um novo valor, ditando novo ritmo ao dia a dia, com povos migrando do campo para os centros industriais, cada um à sua maneira, buscando a subsistência, em um meio em que operava a provisoriedade.

Por fim, na Contemporaneidade, como classificar esse tempo? Talvez cada um possa ter uma interpretação própria, mas trazer o recorte desse período permite-nos apontar pequenos pincéis utilizados cotidianamente para colorir o mundo do qual fazemos parte. Ainda o estamos vivenciando e futuramente outros poderão nos analisar e definir esse cenário.

Talvez o que marque nosso tempo seja a pluralidade, o diferente e o ágil *versus* o adoecimento sintomático de nosso corpo que padece o não acompanhamento desse processo. Mais do que encontrar culpados, podemos notar o ritmo a pulsar em que fomos ensinados a andar, desde muito cedo e que, agora, numa idade mais madura, podemos contemplá-lo no todo, entendendo que somos afetados e afetamos.

Assim, nessa relação existe a dissonância, pois, por um lado, nos encantamos e, por outro, sentimos medo, medo de nós, dos outros, da sociedade, de não sermos bons suficientemente mediante os avanços tecnológicos. Sabemos que a sociedade o gera, nem sempre depende de nós e nem da nossa meritocracia. Talvez sejamos muito pequenos na dimensão do todo. Mas temos a certeza de que, naquilo que podemos, devemos fazer, e é essa disposição que trará o resultado, mesmo que seja meramente insignificante para muitos.

Possivelmente deveríamos nos permitir trocar o *porquê* para o *para quê*? E antes de fazermos mais ou querermos mais, poderíamos contemplar as dúvidas, as certezas, as doenças, os

avanços, sentir o nosso respiro, entrar em conexão conosco mesmos, reorganizar nossos pensamentos e reconstruir nosso propósito para o hoje.

Quais sintomas físicos, psíquicos, sociais que gritam e nós os sufocamos por não conseguirmos contemplar as imagens simbólicas de nosso existir? Como diz Verena Kast, “a alma precisa de tempo”, assim a pressa pode nos atrapalhar no saborear as belezas do caminho percorrido e, muitas vezes, perdemos o significado das coisas, das pessoas, da natureza, da vitalidade e passamos a morrer simbolicamente.

Por outro lado, devemos lutar em favor de nossos direitos, equidade social, romper com ciclos de preconceito e indiferença social. Sabemos que vivemos em um mundo desigual e que a busca de sentido passa, primeiramente, pelo suprimento de necessidades básicas e no empoderamento da dignidade humana. Sem isso, todo o cenário fica distante e sem vida.

Dessa maneira, podemos compreender o tempo e seu processo histórico de transformação que move e amplia a consciência pessoal e coletiva. A Psicologia Analítica nos ajuda a enxergar, por meio destas lentes simbólicas, o sofrimento e os sintomas da alma que padece, sonha e luta em busca do sentido que leva ao encontro consigo mesma e expande as possibilidades e a beleza da jornada da vida.

## REFERÊNCIAS

Beiguelman, G. (2020). *Coronavida: Pandemia, cidade e cultura urbana*. Escola da Cidade.

Pereira, L. (2023). *Fases da revolução industrial*. <https://www.todamateria.com.br/fases-da-revolucao-industrial/>

Braghini, L. (2015). *A segunda metade da vida*. <https://www.meer.com/pt/16770-a-segunda-metade-da-vida>

Fernandes, C. (2023). *Idade Moderna*. <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/idade-moderna.htm>

Horizonte. L. (2011). *Kairós, o Deus das oportunidades*. Mitologia Grega. <https://eventosmitologiagrega.blogspot.com/2011/08/kairos-o-deus-das-oportunidades.html>

Jota e Camargo. (2022). *Como cuidar melhor da sua saúde mental com Izabella Camargo | Jota Jota podcast #84* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=tQebuaf01ns>

Kast, V. (2016). *A alma precisa de tempo*. Vozes.

Kast, V. (2023). *O sentido do medo: Como medos se instalam e como eles podem ser transformados* (M. A. Hediger, Trad.). Vozes.

Lemos, A. (2021). *A Tecnologia é um Vírus: Pandemia e Cultura Digital*. Sulina.

Pondé | Café Filosófico CPFL. (2018). *Agenda para o medo | Luiz Felipe Pondé* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=prYqoB433zE>

Queiroz, F. L. d. F. (2022). *São Tomás: O tempo, o evo e a eternidade*. Filosofia e Epistemologia. <https://filosofar.blogs.sapo.pt/sao-tomas-o-tempo-o-evo-e-a-eternidade-382612>

Midena, V. (2020). *Tempo, tempo, tempo*. <https://www.sobretodasacoisas.com.br/2020/06/18/tempo-tempo-tempo/>

Monegalha, F. (2018). O tempo do sentido: Cronos e Aion no pensamento Deleuzeano. *O Manguenzal — Revista de Filosofia*, 1(2), 88–95. <https://periodicos.ufs.br/omanguenzal/issue/view/668/21>

Moraes, F.F. (2011). *Brevíssimo comentário sobre os conceitos de metanóia e enantiódromia*. <https://www.psicologiaanalitica.com/brevssimo-comentrio-sobre-os-conceitos-de-metania-e-enantiódromia/>

Oliveira, R. F. d. (2012). *Santo Agostinho e sua reflexão sobre o tempo*. <https://grupopapeando.wordpress.com/2012/04/10/santo-agostinho-e-sua-reflexao-sobre-o-tempo/>

Papalia, D. & Feldman, R.D. (2013). *Desenvolvimento Humano* (12ª ed.). AMGH Editora.

Paulo. (2014). *Conhecimento e cosmologia em Platão*. <http://www.professor-paulo.com/2014/08/conhecimentoe-cosmologia-em-platao-i.html>

Agüena, A.S.. (2020). *Iluminismo: O que foi, principais pensadores e características*. <https://www.pravaler.com.br/blog/dicas-de-estudo/iluminismo-o-que-foi-principais-pensadores-e-caracteristicas/>

Rodrigues, L. d. O. (2022). *O que é modernidade?* <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-que-modernidade.htm>

Rosa, J. (2019). *Movimento contemporâneo modificou as artes e arquitetura*. <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/pos-modernismo>

Sebrae. (2023). *Quando surgiu a indústria 4.0?* <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/quando-surgiu-a-industria-40,4542c009cbce3810VgnVCM100000d701210aRCRD#:~:text=O%20termo%20Indústria%204.0%20foi>

Silva, C. C.d. (2011). *Quem são os titãs da mitologia grega?* <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-sao-os-titas-da-mitologia-grega>

Silva, N. S.C. (2009).O tempo em Aristóteles. *Revista Pandora Brasil*, (13). [http://revistapandorabrasil.com/revista\\_pandora/aristoteles/nereide.htm](http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/aristoteles/nereide.htm)

Sousa, R.(2022). *Terceira revolução industrial*.  
<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/terceira-revolucao-industrial.htm>

Spinace, O. (2022). *Renascimento: O que foi o renascentismo e onde surgiu*.  
<https://querobolsa.com.br/enem/historia-geral/renascimento>

